

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

O CASTIGO DA TOUTINEGRA VAIDOSA

Por FELIZ VENTURA
Desenhos de A. CASTAÑE

—«Na verdade a D. Pintarróxa é muito gentil!... Que fina educação a sua!... Não achas?» — disse a Toutinegra que se mirava ao espelho, voltando-se para o marido, que se encontrava recostado, preguiçosamente, num amplo sofá, lendo o jornal.

—«Sem dúvida!» — replicou este com ênfado, passando maquinalmente a mão enluvada pela plumagem macia da cabeça, o que fez com que a espósa, em tom irado, lhe replicasse:

—«Estás, hoje, insuportável. Não há quem te ature. Se estiveres assim no dia da recepção, também te digo que vais fazer uma figura de alto lá com ela.»

E a Toutinegra proferiu as últimas palavras num tom leve de ironia.
—«Que queres dizer com isso? Francamente não te percebo.»

«Não percebes? Essa tem graça!... Então não sabes que a D. Pintarróxa conseguiu que nós tomássemos parte na recepção que Sua Magestade a Pombinha Fru-Fru dá amanhã? E ainda mais. Devemos ficar na mesa de honra, presidida pela própria rainha. Já vês que não é motivo para se

estar indiferente. Poucos se gabarão de tal. A vizinha Póupa vai ficar furiosa e cheia de inveja, pois, com certeza, não foi convidada.»

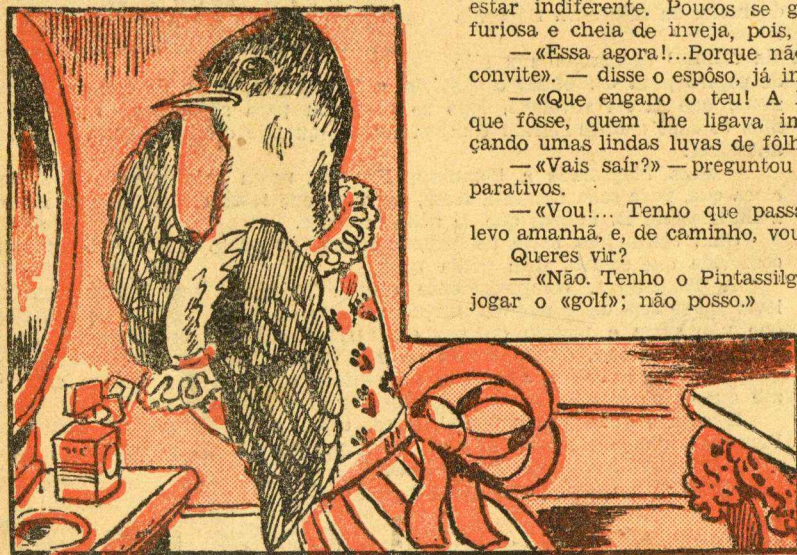
—«Essa agora!...Porque não? Assim como nós, pode ela também ter convite.» — disse o espóso, já interessado pelo rumo que a conversa tomava.

—«Que engano o teu! A Póupa ser convidada? Por quem? E mesmo que fosse, quem lhe ligava importância?» — exclamou a Toutinegra, calçando umas lindas luvas de folha de hera, a grande moda de então.

—«Vais sair?» — perguntou ele, com curiosidade, ao vê-la em tais preparativos.

—«Vou!... Tenho que passar pela modista para provar o vestido que levo amanhã, e, de caminho, vou tomar chá a casa da Rôla que recebe hoje. Queres vir?»

—«Não. Tenho o Pintassilgo e o Rouxinol à minha espera, para irmos jogar o «golf»; não posso.»



—«Então até logo e diverte-te muito.»

E a Toutinegra, depois de se despedir do marido, desceu a escada alcatifada, cantando uma canção muito em voga.

No dia seguinte, grande azáfama ia no palácio real! ...Desde de manhã que os criados andavam numa roda viva, dando a última demão nos preparativos da festa, que prometia ser brilhante.

Uma compacta multidão dos mais variados animais, contidos por reforços de

polícia, compostos de galos armados de esporão, admirava tôdas as ornamentações, que se preparavam nos jardins. E quando chegou a noite (uma linda noite de luar), os salões apresentavam um aspecto deslumbrante. As portas e janelas, abertas, mostravam os lindos canteiros iluminados por milhares de pirlampos, contratados para tal fim.

Os convidados começaram chegando. Primeiro eram somente pequenos grupos isolados mas, passados certos momentos, uma quantidade enorme de carruagens e veículos de todos os feitios e tamanhos, se comprimiam aos lados do portão, à espera de lugar para poderem despejar as ilustres personagens que se achavam dentro dêles. Os criados, agalônados, andavam numa roda viva. Os salões já regorgitavam de uma multidão irrequieta e buliçosa. Quatro pardais, de calção e meia branca, serviam doces e gelados. Quando a Toutinegra e o marido entraram nos salões, já mal nêles se podia circular. Esperava-se, somente, a chegada de Sua Magestade a Pombinha Fru-Fru para dar comêço ao baile. E, satisfazendo a impaciência de todos, quatro Tentilhões, postados ao lado do tronco, ergueram as longas trombetas de prata, tocando o hino de saudação à rainha que, sorridente e



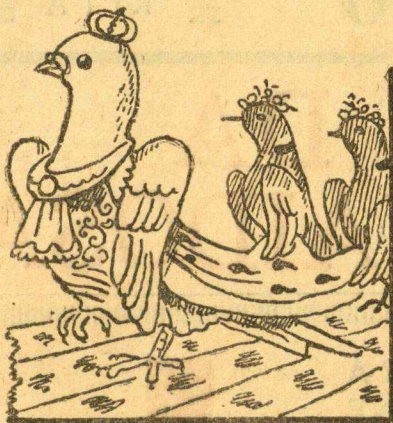
amável, entrava nesse momento no salão, envergando um lindo vestido bordado a prata, em cuja cauda pegavam duas graciosas Rôlas.

As palmas e vivas aumentaram estrondosamente quando Sua Magestade tomou lugar no trono. E deu-se, então, princípio à festa, no meio da maior alegria.

Decorreram as horas com grande entusiasmo, e chegou a meia noite. Era a hora que Sua Magestade destinara para dar princípio à ceia. Então, todos os convidados se encaminharam para um salão, ao lado, onde, em mesas artisticamente decoradas, resplandeciam as pratas e cristais. A Toutinegra ao sentar-se na mesa de honra, fê-lo com todo o orgulho. Mas o seu olhar foi atraído para a porta e o que viu fê-la sufocar um pequeno grito de raiva.

A Poupa, com um vestido riquíssimo (muito superior ao seu) entrava nesse momento no salão, conduzida pela braço do Pintassilgo.

Mas, novamente, a Toutinegra ensaiou um pérfido sorriso, pensando de si para consigo: — «Vai ficar admirada por me veres neste lugar» — contudo, o seu contentamento pouco durou, ao vê-la sentar ao lado da rainha e ao notar que esta a acolhia com um dos seus melhores sorrisos. Seu olhar, cheio de rancor, mostrava, bem claramente, o grande desespero que lhe ia na alma. Todos falavam e comiam alegremente; só ela se conservava em silêncio, com grande admiração do marido, que não sabia a que atribuir tal atitude. Já quando os últimos doces tinham sido servidos, Sua Magestade



a Pombinha Fru-Fru, no meio do silêncio que se fizera à sua volta, disse numa voz melodiosa:

— «Quero anunciar-vos que reservei uma surpresa para esta noite. Escolhi entre tôdas as minhas convidadas uma dama de honor que me acompanhará por tôda a parte. Dir-vos-ei, apenas, que se trata duma pessoa que está nesta mesa e por quem eu tenho a maior consideração.

Dentro em pouco o seu nome será revelado.»

Muitas palmas coroaram as últimas palavras de Sua Magestade, a qual agradeceu com um sorriso satisfeito.

Então, entre tôdas as damas (quero dizer entre tôdas as variedades de bichos do sexo feminino) começaram os comentários e perguntas:

— «Quem seria que tinha merecido tal honra? Ninguém sabia. A Toutinegra rejubilava. Decerto fôra ela a eleita. Sua Magestade já várias vezes, nessa noite, lhe tinha sorrido amigavelmente. E no dizer da D. Pintarôxa (que era primeira secretária da rainha) Sua Magestade fôra quem logo aprovara o nome da Toutinegra para figurar como convidada na mesa de honra. Com certeza era o seu nome que ia ser revelado. Só de pensar nisso, sentia tonturas na cabeça. Ser dama de honor da rainha!... Suprema ventura que tôdas ardentemente desejavam!

Quando, porém, um criado (a um gesto da rainha) desenrolou um rôlo

de papiro para desvendar o mistério, a Toutinegra, certa de que era o seu nome que ia ser revelado, logo se preparou para agradecer os aplausos. Mas os seus sonhos ruíram completamente, quando o criado, em voz grave, anunciou:

— «Sua Magestade a Pombinha Fru-Fru, nossa rainha e senhora, declara que, para solenizar esta festa, decretou que fôsse eleita dama de honor a ilustríssima D. Poupa, que se acha presente.

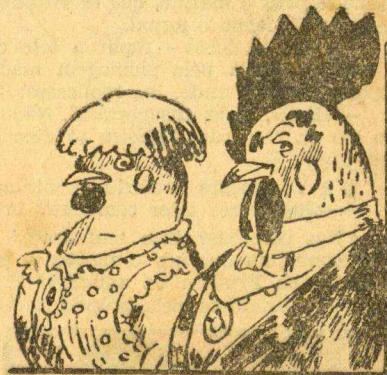
Uma estrondosa salva de palmas reboou no vasto salão. A Poupa, de comovida que estava, nem podia falar.

A Toutinegra, completamente desorientada por semelhante derrota, levantou-se sem dizer nada a ninguém e saiu do salão, seguida pelo marido que não sabia o motivo da sua contrariedade. Breve compreendeu tudo, pois a Toutinegra, dando largas ao seu furor, gritava e barafustava vingança contra a Poupa, enquanto no palácio continuava a mesma alegria, até que os alvôres da madrugada fizeram dispersar os últimos convidados.

E aqui tendes, pequeninos leitores, como a Toutinegra foi castigada. Pensava ser superior a todos e os factos provaram-lhe o contrário.

Lembraí-vos, sempre, dêste ditado:

Quem muito fala, pouco acerta.



ANEDOTA

Um indivíduo, já velhote, colocava sempre os óculos, para escrever.

Não era por eles que via, mas sim por cima dêles.

Vendo isto, pergunta-lhe o neto:

— «Ó Avôzinho, o Avôzinho olha assim por cima dos óculos para não gastar tanto os vidros, não é?»

O CESTINHO DA COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS — Por *Abelha Mestra*

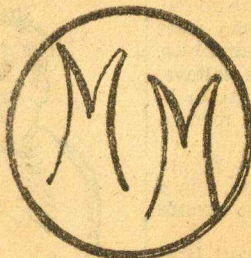
Os monogramas, que tanto estão em uso, são, na verdade, ornamentos simples mas de grande realce.

Assim, não fujo à tentação de vos trazer, hoje, ao «Cestinho da Costura» alguns modelos de variadas formas, especialmente destinados às vossas roupinhas de baixo ou aos vossos lençinhos.

Feitos a côr e com pontos de fantasia, ficam muito bonitos e emprestam uma graça especial às peças onde forem bordados.

Se alguma de vocês, tiver empenho no seu monograma, pode pedi-lo, porque, com o maior prazer, publicá-lo-á a vossa grande amiguinha

Abelha-Mestra



A HORA DA FELICIDADE

Por G. Q.

ERA o dia de anos do Luizinho, uma criança adorável, a quem a Natureza destinara os seus melhores predica-dos. Bastava vê-lo, ouvir a harmonia da sua voz, para destacarmos naquêl corpi-nho de 10 anos, a grandeza nativa das almas puras, e as suas condições privilegiadas, que mais tarde servem de estôfo aos organismos superiores.

Predilecto do Pai, êste, só em sua presença, conseguia dominar o seu espírito por vezes irascível e excessivamente nervoso. Dir-se-ia até que no olhar insinuante de seu Luizinho, encontrava um flúido feiticheiro que, modificando-lhe o temperamento, aben-coava tôda a sua existência.

Aproveitando uma excelente oportu-dade, quiz Jorge proporcionar a seu filho uma festa de família, em que lhe significasse o seu aprêço e lhe teste-munhasse a gratidão pela inflência que no seu coração êle exercia.

Resolveu, então, chamar sua mulher, e, manifestando-lhe o seu desejo, preveniu tudo para que nada pudesse ofus-car a alegria e o brilho que devia re-vestir a festa daquele dia.

* * *

Maria, a Mãe do festejado, era uma dessas mulheres de alma triste, para quem o casamento fôra uma página

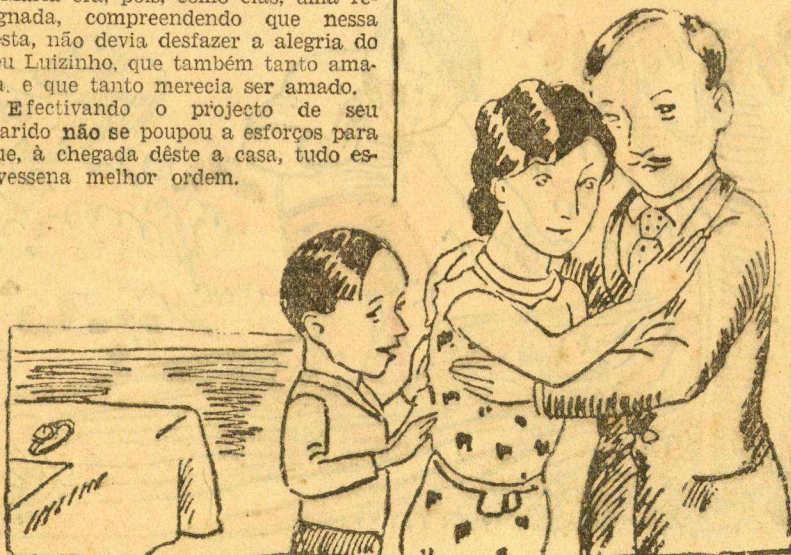
negra no livro do seu Destino. A frieza austera de Jorge, o seu espírito desconfiado e pertinaz, produzira-lhe no coração um desgosto profundo, dêsse que facilmente se adivinham quando o rosto os não sabe ocultar. Era simples e formosa, como o são as flores do campo que, sujeitas à Natureza, su-portam, com resignação, a aridez dos ventos e a solidão da noite.

Maria era, pois, como elas, uma re-signada, compreendendo que nessa festa, não devia desfazer a alegria do seu Luizinho, que também tanto ama-va, e que tanto merecia ser amado.

Efectivando o projecto de seu marido não se poupou a esforços para que, à chegada dêste a casa, tudo estivesse na melhor ordem.

Pouco depois de Jorge ter chegado todos se dirigiram para a casa de jantar, onde se viam já artisticamente dispo-sitos todos o acessórios da festa fami-liar. As flores que Maria havia profu-samente espalhado, constituíam o am-

(Continua na página 6)



O Menino e o Pintainho

Por MARIA ARCHER
Desenhos de M. LAPA

O Zé olaré olarilolé, levantou-se cedo a chuchar no dedo. Viu a porta aberta, ó que idéa esparta! Meteu no toutiço quebrar o enguiço e ir até ao rio. Saíu pela porta e não disse pio. O caminho, caminhinho, caminhito, não era longo e era bonito. O Zé saltava, de pedra em pedra, na ponta do pé. Ia ligeirinho como um passarinho, sem medo a bicho nem a espinho.

A água cantava e saricotava e o Zé ansiava por molhar o pé, dançar o laré, tomar um banhinho e ver nadar o pato grande e o patinho.

Ao chegar ao rio, aí o que éle viu! Uma grande bola — que coisa estarola! — de côr encarnada e maior que uma almofada a andar sem ninguém a empurrar, a subir por cima dum fragão como um balão! O Zé, então cumié, como coisa sua, julgou que era a lua, mas ouviu o galo a cantar, o cão a ladrar, o burro a zurrar, a passara a pipiar, o balão a brilhar como um farol e logo viu que era o nascer do sol!

A pata, patarata, com voz de matraca, traca-traca... vinha a descer que era coisa de se ver o carreiro carreirinho longo e bonito, com o seu rancho, muito ancho, de patos, patinhos, patitos.

Eram todos amarelos com manchas como farelos, e tinham bicos côr de carvão, e olhos de tição, e pés surros, na côr da pele dos burros.

A' frente ia a mãe, a fazer tem-tens, e os filhinhos atrás, a ver quem melhor a faz, como um grupo de escoteiros seguindo os companheiros.

Chegaram ao rio e cantarolaram, espino-

tearam, dançaram, e a pata mamã, tôda louçá, meteu-se na água, sem mágoa, antes flamante e radiante, com os filhinhos a se-



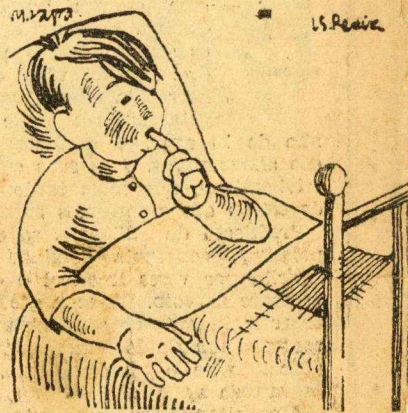
guí-la, em fila, um por um, catrapum, e aí vão eles, rio abaixo, ó diacho, rio avante, ó desplante, a pescar o seu bichinho, a tomar o seu banhinho, pára aqui pára acolá, não te mexas anda cá, que quem é pato, pata, patinho, vive na água como o peixinho.

Ora a galinha, coitadinha, da crista encarnada e guela depenada, tinha filhinhos, filhitos, e uns eram feios e outros bonitos. Descem para a eira, quier queira ou não queira, sobranceira ao rio, e

ouvem o pio-pio dos patos patinhos, patitos saracoteados, banhados, almoçados, dentro da água que corre sem mágoa. E três dos filhinhos da galinha coitadinha, uns filhinhos aleijados coitados, com bicos côr de carvão e olhos de tição e pés surros da côr da pele dos burros, correm para o rio sem dizer ai nem pio e metem-se na esteira e da mesma maneira dos patos, patinhos, patitos que iam com a mamã tôda louçá, tomando banhinho e tratando do almoçinho! Ai que aflição e que moição! A galinha cacareja e adeja, chama e chama, mas os filhinhos do seu amor fazem ouvidos de mercador! Porque aqueles três filhinhos, ladinos e mofinos, tinham saído dos ovos de pata patarata que a criada, atoleimada, tinha pôsto na cama criadeira da galinha chocadeira! E porque eram patinhos não eram pintainhos!

Mas os pintainhos bonitinhos viram os patos patinhos a nadar e também quiseram experimentar. O maior, que era o pio, piou, pulou, saltou, e mergulhou na água funda e profunda. E a galinha, coitadinha lá do alto a piar, a ralar, a cacarejar, prometia-lhe uma tunda que o levasse a tumba. E o desgraçado afogado, piava e chiava e adejava sem se lembrar que pintainho nasceu para voar e não para nadar.

Então, o Zé olarilolé meteu-se na água com um pé e outro pé e agarrou o pi-



tainho bonitinho, afogadinho e trouxe-o mão e pô-lo no chão.

Correu a galinha, coitadinha, a ver filhinho e deu-lhe o seu tabéfezinho. E a mãe do Zé Saricoté, quando o viu molhar como um afogado, ralhou e barafustou. M o Zé pediu perdão, mostrou o pintainho salvo, que já pulava no chão, e acabou, por ficar, o Zé olarilolé e o pintainho patinho, ambos ao sol a secar, um as suas penas molhadas, o outro as calças enfiadas.



OS 3 PACOS

Por S. R.

Desenho de ARCINDO



Os três Pacos,
Paco Deck, Paco Duque, Paco Dik,
com seus tacos,
— Tique-tique-tique...
vão jogar o «golf»
que é um jôgo chique,
num campo que tem
vinte e dois buracos,
fóra os buraquinhos
que servem de quartos

a muitos lagartos,
cobras, pirilampos
e vários bichinhos
que andam pelos campos.

Como três macacos,
Tique-tique-tique...
cá vão os três Pacos:
Deck, Duque e Dik.

EU SOU A PROFESSORA

Continuado
do número anterior

MARIAZINHA — Eu não sei fazer operações, eu só faço continhas pequeninas.

MANUEL — Está muito atrasada, sentese. (A Isabel). Quantas são as pessoas gramaticais.

ISABEL — Eu, tu, êle.

MANUEL — Tem a certeza?

ISABEL — (Confusa). Eu, tu, êle e... também, aquele.

MANUEL — Aquele, não. Aquele é demais.

GUILHERME — Eu, demais! Eu, Manuel Sebastião Nicolau do Maranhão, também sou uma pessoa; aqui, nos três reinos da Natureza e na gramática. Não é assim, senhora professora?

GRACIETTE — Está claro que sim. Deve dizer: — eu, tu, êle. Aquele está a mais.

GUILHERME — Estou a mais? A mais está a senhora e êste bate-casacas.

MANUEL — Não me falte ao respeito; veja, como fala.

GUILHERME — O senhor será um sabichão, mas eu com o meu bengalão... (Avançar para êle).

MARTA — Haja ordem e mais serenidade. Vocês levam tudo a sério menos o estudo. Por êste caminho, acabavam por se zangar. Se nos estivesse a ouvir a nossa professora o que teria ela dito? Isto não foi uma escola, foi uma barraca de palhaços.

TODOS, MENOS GRACIETTE — Tens razão, Marta! Tens razão, Marta!

GRACIETTE — O nosso fim foi divertirmo-nos.

MARTA — Então, poderiam ter escolhido outra brincadeira. A escola deve ser uma cousa séria.

GRACIETTE — Mas a nossa professora também brinca connosco.

ISABEL — E às vezes até parece da nossa idade.

CENA VI

Entra a senhora professora. Um momento de confusão entre as crianças seguido de agradável surpresa. Lentamente, a improvisada aula desfaz-se, de modo que as crianças venham a formar um apertado círculo em volta da sua professora.

PROFESSORA — Boas tardes, minhas meninas e meus meninos. Têm-se divertido muito, nesta quinta-feira?

MARIAZINHA — Estávamos a brincar às escolas, mas nenhuma tinha jeito para ser a professora e depois...

PROFESSORA — Não digas mais nada, Mariazinha. Eu ouvi tudo. Gostei muito que, mesmo a brincar, se lembrassem da escola e se mostrassem tão amigos da sua professora. Peço-lhes, agora, que não se esqueçam da grande lição que resultou, afinal, da vossa brincadeira tão engraçada. (Pausa). Quiseram imitar uma escola, no

que de mais carinhoso os vossos olhos tiveram o gosto de ver, e julgaram que seria fácil a sua representação. Devem ter sentido que se enganaram. Resultou confusão e até um princípio de zanga. Já viram que não é fácil tornarem-se pequeninos como a vossa professora se faz, para lhes dar o entusiasmo no estudo e a alegria no recreio. E' que eu posso, com a vontade de Deus, descer até vós e tornar-me aquela senhora que sabe brincar convosco e até vos dá a mão nos vossos bailes de roda.

As pessoas crescidas devem ter a virtude de se fazerem pequeninas, mas os pequeninos quererem ser mais pequeninos, é descer, é trazer ao seu entendimento tal confusão que dá o desarranjo que houve, de princípio ao fim, no vosso engraçado divertimento. E agora que já são horas de merendar, não quero faltar ao convite da mamã de Marta. Vocês vêm fazer-me companhia. E agora é preciso estar à mesa, meus pequeninos traquinas... como pessoas grandes.

(Sai seguida da ruidosa alegria das crianças).

CONCURSO: -Grandes de Portugal



57

Se uma voz humana pode
Ter ressonâncias do céu,
Este padre isso trazia
No verbo que Deus lhe deu.

Foi orador genial
Em todos os seus sermões,
Dominava totalmente
No meio das multidões.

Foi às terras do Brasil
A nossa fé propagar;
Foi à cidade de Roma
Portugal representar.

E entre gentios e cultos,
Sempre onde êle se encontrava,
Sua palavra inspirada
A todos maravilhava.

Exímio cultor da língua,
Fê-la mais linda e fagueira.
Que belos sermões compôs
O *Padre António Vieira*



58

Um músico. Um dêsses homens,
Que nos encham de alegrias!...
Pois trazem à flôr da Terra
As celestes harmonias.

Um dêsses homens que inventam,
Com carinho e com ardor,
Maravilhas que até fazem
Esquecer a própria dôr.

Sua música invulgar,
A nenhuma comparada,
Era um milagre, um prodígio,
Saído de alguma fada.

As óperas que compôs,
Seu génio forte e jocundo,
A todos causaram pasmo
E correram todo o mundo.

Com seu génio muita glória
Deu ao seu torrão natal.
Êste português ilustre
Era *Marcus Portugal*



59

Eis, agora, um ente ilustre
Que cultivou a escultura,
Arte bela que transforma
Em prodígios pedra dura.

As estátuas tão formosas,
Saídas da sua mão,
Em qualquer parte do mundo
Conquistam admiração.

E' que elas não são, apenas,
Estátuas bem modeladas,
Parecem corpos com vida,
Parecem ser animadas.

O Desterrado — a melhor —
Tanta humanidade tem,
Que, por ela, indiferente
Nunca passará ninguém.

O nome dêste escultor
De-certo já o sabeis;
Pois não há um outro artista
Como *João dos Reis*

HORA DA FELICIDADE (Continuação da página 3)

oiente de poesia. que há muito tempo faltava em sua casa.

A pedido de Luiz, a sua Mãe havia colocado alguns brindes numa lindíssima «corbeille», que faria morder de inveja muitos rapazes de 10 anos.

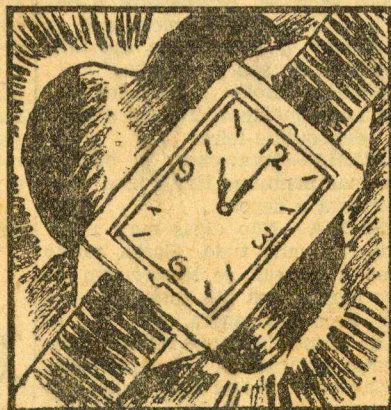
Jorge, chamando Luiz, enquanto jubilosamente abria um elegante estojo que trazia consigo, diz-lhe:

— «Aqui tens, Luiz, um relógio para juntares aos teus «presentes».

E enquanto Luiz o observava radiante, acrescentou, com certa gravidade:

— «Vão-se acabando os brinquedos. Tu já estás um homenzinho!...»

Neste momento, uma ideia fixa, ou



talvez a perspectiva dum belo quadro, passava pelo coração de Luiz, pequeno no tamanho mas grande no sentimento, e pousando o estojo, que tanto o encantára, procura disfarçar a sua alegria, conduzindo, meigamente, os Pais para o seu quarto. Uma vez ali, após beijá-los como se estivesse a agradecer-lhes o brinde, diz para o Pai num belo gesto de bondade infantil:

— «Pai, já sou, então, um homenzinho?!...»

Mas... se me têm dado a escolher o «presente...»

— «Não escolherias o relógio?...» Interrompe Jorge, manifestamente contrariado.

— «Escolhia, antes, um abraço para

Hora de Recreio

Número 14
2.º CAMPIONATO

Secção Charadística

22 JULHO
1 9 3 7

DECIFRAÇÕES DO N.º 9

1 — Paca; 2 — Faminto; 3 — Timidido; 4 — Coroa-coça; 5 — Corpete-côrte; 6 — Tirano-tino; 7 — Fagueiro-Faro; 8 — Almada ou Almeida-Alda; 9 — Caruma-cama; 10 — Graciette Branco; 11 — Século; 12 — Palmira Bastos; 13 — Armando; 14 — Pizar-Paris; 15 — Dália, alia, líia, ia, a; 16 — Quem cala consente.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Adriano Reis, António Freire, Piruças e Tomigas
(Totalistas)

Maridália e Renato R. Paulo, 15; Alfredo Matos, Aurora Guerra Ervedoso, Mário da Silva Fernandes e Oliveiraribeiro, 14; Emídio Matias Pinto e Jorge Pereira, 13; Zé Fernando, 11; Manéças & Tonéças, 10; Zé. 6.

ANOTAÇÃO AO NÚMERO ANTERIOR

O ponto n.º 3 é da autoria de «Ariévilho». As parciais *animal* e *licor* dos pontos n.ºs 2 e 3, respectivamente, devem lêr-se entre cômas (« »).

CHARADAS NOVISSIMAS

1 — Este sabor *acre* é produzido pela minha *vontade* nobre e com *ardor*. — 3-2.

António Freire

2 — Tenho *aqui* uma *bola* que não devo levar a este *santuário*. — 1-2.

Cardo

3 — *Aqui* as *tradições* são-nos contadas nos *primeiros dias do mês*. — 1-2.

Crisante Taborá

o Papá dar à Mãã, com a promessa de que nunca mais a faria zangar.

Ora aqui tem o que eu escolhia se fôsse um homenzinho!»

Estas palavras foram escutadas como se escuta uma sentença. Então, impelidos por uma força expontânea, dessas que só se podem gerar no coração dos pais, agarraram-se freneticamente ao seu Luizinho, que transformado em anjo do lar, foi alvo de infindáveis carícias.

Logo que Luiz conseguiu soltar-se, e viu os pais prenderem-se num grande abraço, corre à casa de jantar, donde volta, em breve, ostentando, radiante, o seu relógio.

— «Sempre o foste buscar!...»

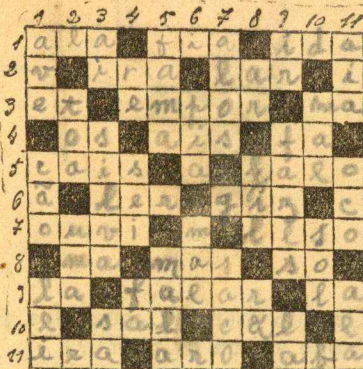
Torna o Pai, num tom de vaga ironia.

Então, o nosso Luizinho responde-lhe com um sorriso encantador:

— «Quiz vêr a hora a que os deixei, aqui, tão amiguinhos!...»

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 9



HORIZONTAIS: 1 — Fileira; tempo do verbo *fiar*; nome de mulher. 2 — Consoante; raiva; casa; vogal. 3 — Palavra latina que significa *e*; praticar a operação que consiste em suster as vinhas com estacas; contrário de *bôa*. 4 — Pronome definido; suspiros; nota. 5 — Porto; vogal; ave doméstica. 6 — Vogal; percorrer com a vista um texto; variedade de cal com que se escreve. 7 — Tempo do verbo *ouvir*; consoante; ferido. 8 — Contrário de *bôa*; conjunção adversativa; sôzinho. 9 — Nota; dizer; nota. 10 — Vogal; condimento; óxido de cálcio; consoante. 11. — *Ralva*; arco pequeno; parte dum chapéu.

VERTICAIS: 1 — Pássaro; animal doméstico; regra obrigatória. 2 — Consoante; acaso; artigo indefinido; consoante. 3 — Suspiro; nome de vários géneros rosáceos; nome de homem. — Criminosa; tempo do verbo *saber*; nota. 5 — Celebridade; consoante; caixa de coiro. 6 — Vogal; tempo do verbo *fiar*; doença; consoante. 7 — Tibias; consoante; utensílio de pano. 8 — Atmosféra; nome de homem; batráquio. 9 — Abalar; executar; nota. 10 — Consoante; doença; astro; consoante. 11 — Criada de quarto; vazio; fileira.

4 — Quem *investiga* é firme na pesquisa. — 4-2.

Dália de Jesus

5 — Um barquinho *delicado* conduz ao «Tejo» um *espertalhão*. — 2-2.

Freira

ENIGMAS PITORESCOS

6 — *Vejo e logo*



Renato R. Paulo

CHARADAS SINCOPADAS

8 — É preciso *aperjeioar* o avião para poder *levantar* vôo. — 3-2.

Bêbé (C. C. C.)

9 — Esta *mulher* fala como os *pagaios*. — 3-2.

Bêú

10 — É esta a *árvore* que dá o *fruto*. — 3-2.

Dr. Bigodes

11 — Por causa do *mar* *éxito* o homem tornou-se *fraco*. — 3-2.

Joieira

12 — Nesta *cidade* portuguesa usa-se ainda certa *medida* antiga. — 3-2.

Joviar

ELÉCTRICA

13 — Este *animal* é o *cúmulo* do *espanto*. — 3-2.

Emídio Matias Pinto

COMBINADAS

14 — 1 + cules = *homem forte*.
1 + ba = *pais americano*.
1 + ço = *nó*.
1 + vo = *jóvem*.

Conceito: *Escritor português*

Bel e Zéca

15 — 1 + da = *margem*.
1 + la = *cabeça*.
1 + ve = *de pouco peso*.
1 + ça = *vaso para beber*.

Conceito: *Mariposa*

Carlos V. Sousa

16 — 1 + na = *«mulher»*.
1 + do = *temor*.
1 + a = *gracejava*.
1 + sa = *lar*.

Conceito: *Parte do mundo*

Celso

17 — 1 + ta = *elevada*.

1 + ta = *busca*.
1 + ta = *«parente»*.
1 + ta = *matéria gorda do leite*.

Conceito: *Terra portuguesa*

D. Rufa

18 — 1 + po = *parte mais alta*.
1 + ta = *nome de mulher*.

Conceito: *Cidade portuguesa*

Esquelêto Vaidoso

ENGUIÇOS

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHO DE ARCINDO

O «Zé» Maria Carriço, o grande herói deste conto, era um pateta, era um tonto, pois com tudo tinha enguiço.

Ao vêr um preto qualquer, ficava logo indisposto; e dizia: — «Ai que desgosto, com certeza, vou sofrer!»

Tinha destas frioleiras impróprias de quem se preze: Não saía em dia 13, às terças e sextas-feiras.

Evitava pisar sal e se um espelho partia, aos berros logo dizia: — «Vai suceder-me algum mal!»

Em tôda a parte, ao entrar, com tôda a cautela e jeito, punha logo o pé direito em posição de marchar.

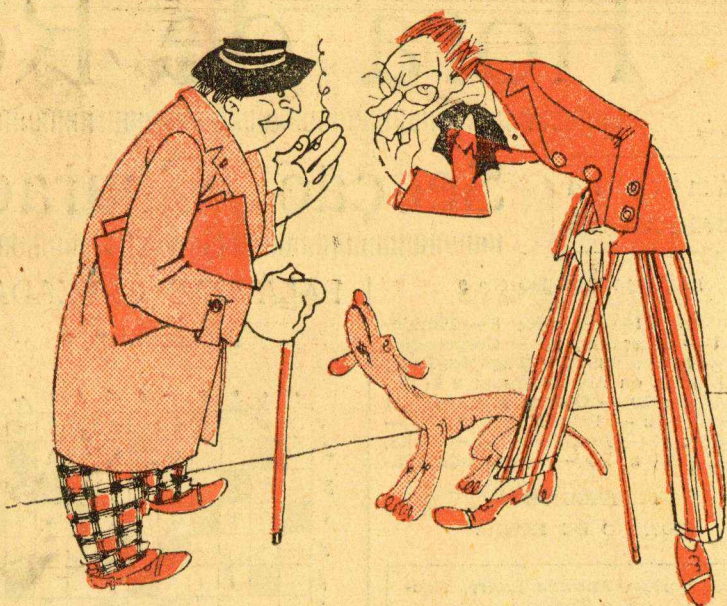
Com tanta superstição e com tanto, tanto enguiço, o «Zé» Maria Carriço vivia numa aflição.

Um dia, ao ver um amigo que há muitos anos não via, logo lhe conta a arrelia: — «Viver bem nunca consigo!»

E, ante o seu ar jovial, acrescenta, muito inquieto: — «Tu nunca encontraste um preto?»

Tu nunca pisaste sal?!...

Que fazes às sextas-feiras e a 13 de cada mês?!...



F/35

Quando marchas, qual dos pés é que vai na dianteira?!

Não tens contigo uma figa que te poupe ao mau olhado, nem, sequer, tens pendurado um cornicho na barriga?!

*

Ouvindo-o falar assim, como se um maluco ouvisse, em face da maluquice, volve o amigo por fim:

— «Vivo contente, risonho e ai de quem assim não vive! Não, enguiços nunca tive pela razão que te exponho:

Nasci a 13 de Junho, sexta-feira, ano bisexto...

Correspondência

Tia Alô — Alô... alô?!... Porque não manda mais conselhos? As sobrinhas pedem.

Milú — Aguardamos novas composições. Quem tem «jeitinho» deve, sempre, dar-lhe um jeito. O nosso director pede-lhe o retrato e respectivo endereço.

Fernandino Bio — Só à vista das produções, poderemos responder à tua pergunta. Manda os teus «trabalhos» e tem fé na tua estrela.

Saudades para todos do

TIO PAULO

Sou canhoto deste punho mas manejo-o, muito lesto.

Tive uma mina de sal que pisei como mineiro e me deu muito dinheiro, em terras de Portugal.

Três espelhos vi partidos numa mudança que fiz mas nunca fui tão feliz como nesses tempos idos!

Fui depois para a Guiné onde, a par de mil insectos, via centenas de pretos numa roça de café.

Não! Eu nunca fui, assim, de enguiços, amigo Zé! Os pretos, lá da Guiné, êsses eram; êsses, sim!

Acreditam em feitiços, em bruxedos e artimanhas!... Mas tu!... Por Deus!... Não mais tenhas superstições nem enguiços!

Meu ingénuo e tôlo amigo, põe de parte todo o enguiço e grava bem no toutiço as palavras que te digo:

Que um pretinho da Guiné, sem crenças nem Ideal, seja assim, é natural mas um branco... é que não é!»